



OS PRIMEIROS PROFESSORES DE GEOGRAFIA FORMADOS NA USP (1934-1960)

Márcia Cristina de Oliveira Mello
marciamello@ourinhos.unesp.br¹

Geyce Iris Goering Maia
geycegoering@hotmail.com²

Resumo

Apresentamos resultados parciais de pesquisa que visa a identificar quem foram os primeiros professores de Geografia para atuar na escola paulista, entre as décadas de 1930 e 1960. Trata-se de pesquisa de fundo histórico, documental e bibliográfica a ser desenvolvida por meio de procedimentos de identificação, reunião, organização e análise de fontes documentais referentes aos aspectos do primeiro curso de formação de professores secundários de Geografia, oferecido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) e em seu Instituto de Educação. Buscaremos refletir em que medida estes sujeitos contribuíram para a constituição de uma história da formação docente em Geografia no Brasil. Destaca-se a figura da mulher professora e as contribuições de Maria Conceição Vicente de Carvalho, formada no ano de 1938 e Amélia Americano Franco de Castro, em 1940. Elas totalizaram 68% do número de formandos. A formação docente em Geografia presente na FFCL da USP e em seu Instituto de Educação traz características das teorias pedagógicas e da formação específica do geógrafo, favorecendo uma análise da transmissão de saberes e metodologias necessárias à prática docente da época.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; formação de professores de Geografia; Didática da Geografia

Introdução

No sentido de compreender aspectos da história da formação de professores de Geografia no Brasil está em desenvolvimento o projeto regular junto à FAPESP “Orientações metodológicas destinadas aos professores de Geografia para o ensino secundário da escola paulista (1934-1960)”. A pesquisa aqui apresentada está articulada ao referido projeto e está em andamento desde 2017 enquanto atividades desenvolvidas em nível de Iniciação Científica (IC), junto a Pró-reitoria de pesquisa da UNESP.

Em 1934 foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL da USP). Destacamos, em especial, o curso de Geografia. Em 1946 foi

¹ Docente do curso de Geografia da UNESP-Câmpus de Ourinhos. Pesquisa vinculada a FAPESP.

² Aluna do curso de Geografia da UNESP-Câmpus de Ourinhos. Pesquisa em nível de Iniciação Científica – PROPE/UNESP.



criado o departamento de Geografia, a fim de resolver problemas em comum e coordenar com particularidade o ensino e a pesquisa em Geografia. (AZEVEDO; SILVEIRA, 1949).

O curso inicialmente foi ministrado junto com o de História e era dividido em duas modalidades, a primeira destinada a formação do Bacharel e a segunda para a formação do professor. O curso poderia ser concluído em quatro anos, sendo que os três primeiros constituíam matérias obrigatórias, e o último ano era destinado ao curso de Didática – a formação pedagógica.

Havia os programas das cadeiras do Departamento de 1950, como de Geografia Física, o professor João Dias da Silveira era titular, e os professores Elina Oliveira Santos, Aziz Nacib Ab'Saber e Maria de Lourdes Pereira eram os assistentes. O principal docente do programa de Geografia Humana era o professor Aroldo de Azevedo. Seus assistentes eram os professores Ary França, Nice França, Nice Lecocq- Muller e Renato da Silveira Mendes. O professor Aroldo de Azevedo também era professor catedrático de Geografia do Brasil.

Como sabemos, a partir dos anos de 1930 o Brasil é submetido a uma lógica econômica específica, dando prioridade para uma implantação da lógica urbano industrial. Após a revolução de 1930 ocorreram grandes modificações em relação as necessidades educacionais. O governo de Getúlio Vargas criou o ministério da Educação e Saúde Pública, cujo primeiro-ministro foi o Francisco Campos, que dentre suas medidas criou a FFCL, onde foram formados os professores do ensino secundário.

De acordo com Saviani (2010) o decreto número 19.890, de 18 de abril de 1931, estabeleceu a organização da escola secundária, com o objetivo de levar novos mecanismos pedagógicos que evidenciaria a doutrinação de ensino religioso nas escolas. O que refletia uma aliança entre o Estado e a Igreja Católica que privilegiava a burguesia industrial. Outro marco da época foi a publicação pelos escolanovistas do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" em meio a reorganização política da Revolução de 1930, o que estabeleceu uma renovação da educação no Brasil com um plano geral de indicar ao Estado uma escola pública, laica e obrigatória.

Os primeiros professores de Geografia formados na USP (1934-1960)

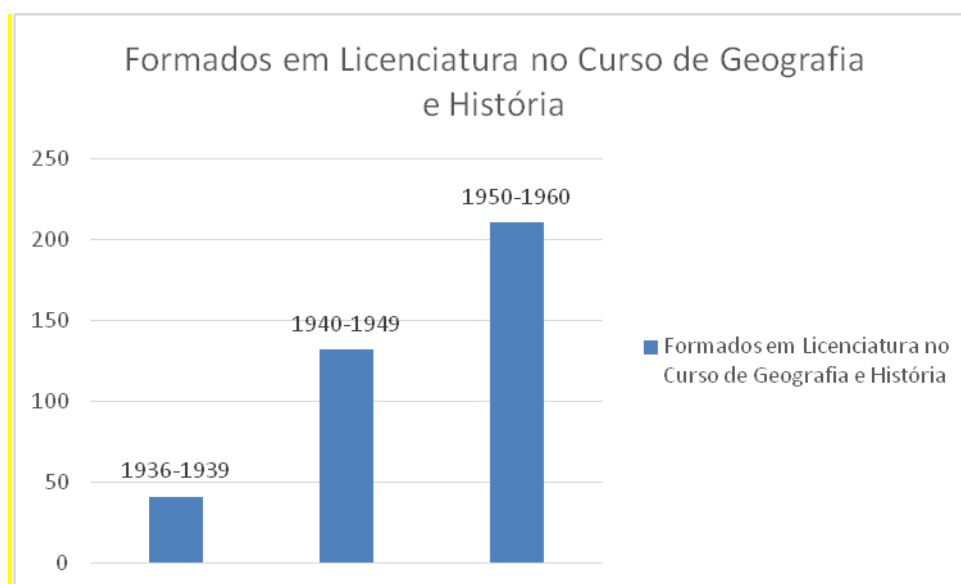
Os geógrafos formados na USP à época tiveram relevância no debate sobre o ensino em Geografia. Auxiliaram para que o conhecimento geográfico, com conteúdos explicativos baseados na Geografia moderna, chegasse aos poucos no debate educacional. (ROCHA, 2000).

No período de 1934 a 1960 formaram-se 476 alunos no curso de Geografia e História da FFCL da USP. Os primeiros formados foram Antonio de Paula Assis, Nelson Camargo, Rozendo Sampaio Garcia, Astrogildo Rodrigues de Mello, José Orlandi, Euripedes Simões de Paula, Affonso Antonio Rocco, João Dias da Silveira, no ano de 1936.

Entre estes primeiros formados em Geografia e História, João Dias da Silveira se destaca por ser nomeado como assistente adjunto à Cadeira de Geografia Física e Humana ainda quando aluno.

Apresentamos abaixo no gráfico o número de formados na modalidade licenciatura.

Gráfico 1 – Formandos em Licenciatura no Curso de Geografia e História, entre as décadas de 1936 e 1960, na FFCL-USP

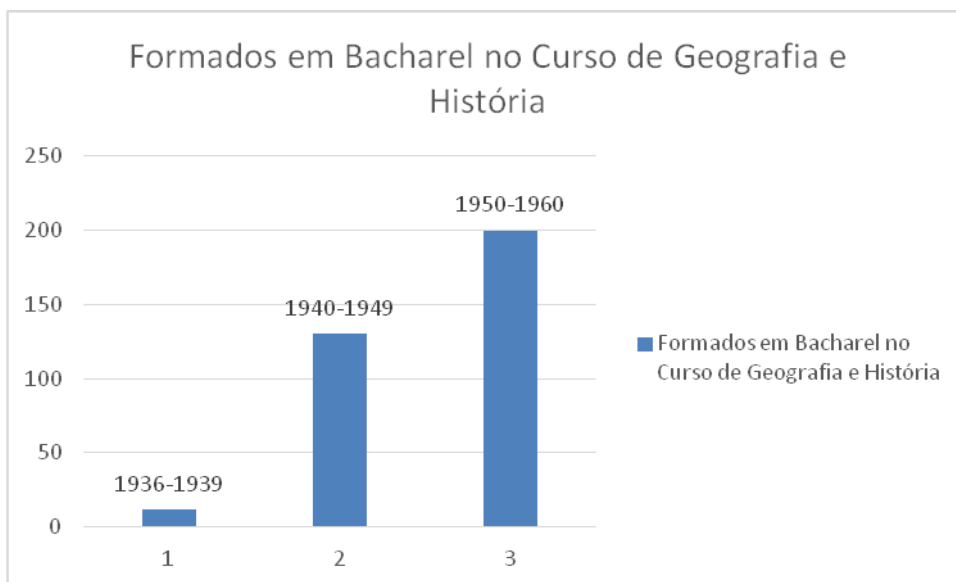


No período analisado formaram-se na Licenciatura em Geografia e História entre os anos de 1936 e 1939, 41 alunos; entre 1940 e 1949 se formaram 132 alunos, enquanto no intervalo de anos de 1950 e 1960 se formaram 211 alunos. No total se formaram 384 alunos em Licenciatura.



O gráfico a seguir mostra o número de formados no Bacharel em Geografia e História.

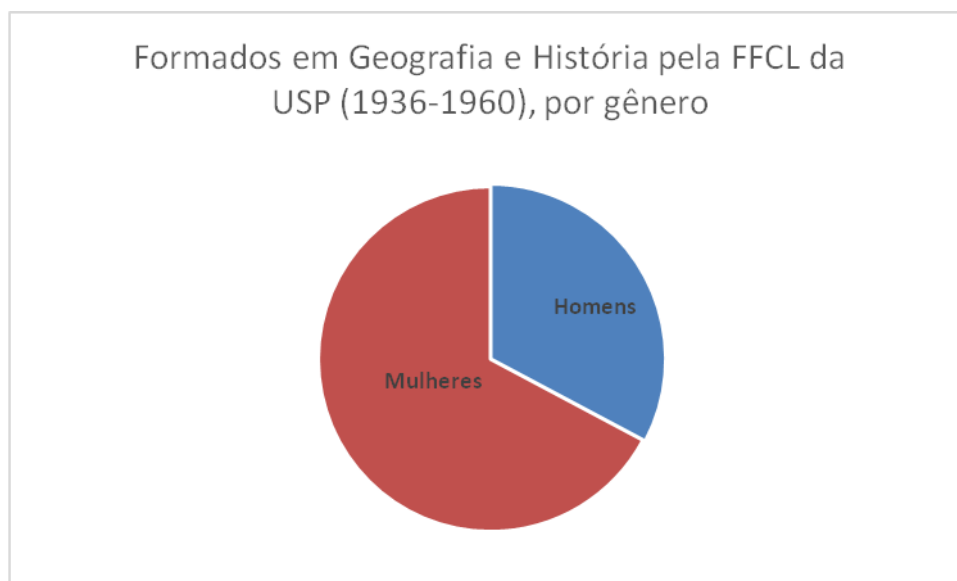
Gráfico 2 – Formados no Bacharel em Geografia e História pela FFCL da USP (1936-1960), por década



Os dados demonstram que entre 1936 e 1939 se formaram 12 alunos no Bacharel; entre 1940 e 1949 se formaram 130 alunos; e entre 1950 e 1960 se formaram 200 alunos, no total se formaram 342 alunos no Bacharel em Geografia e História pela FFCL da USP. Portanto, a modalidade licenciatura obteve maior número de formandos.

No próximo gráfico é possível verificar que neste período, 320 mulheres se formaram, já os homens se formaram em 156 alunos, totalizando 476 formados no Curso de Geografia e História pela FFCL da USP entre 1936 e 1960.

Gráfico 3 – Formados na Licenciatura em Geografia e História pela FFCL da USP (1936-1960), por gênero



A partir destes dados identificamos que 68% dos formandos em Geografia e História na FFCL da USP eram mulheres. Sobre esta temática, foi a partir dos últimos anos da década de 1980 que se intensificou na USP, no período analisado o debate sobre gênero e a profissão docente incluindo questões como "Que ideias e valores estiveram associados ao processo de feminização da docência, para além da simples entrada de mulheres na profissão? Exposta por Diana Gonçalves Vidal e Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (2001). Os estudos apontam que o fundamento que "homens dominam as mulheres" é uma explicação que naturaliza a construção social do gênero que atribui a mulher como inferior por características biológicas. No entendimento cultural e histórico a mulher teria ocupações femininas e o homem ocupações masculinas, o que gera uma desigualdade de gênero, pois as atividades do gênero feminino são sempre inferiores do que das atividades do gênero masculino.

Na questão central da escola, a entrada da mulher na ocupação de professora atribuiu a representação de figura materna e delicada. Na concepção social a mãe tinha o dever de educar os filhos, logo a mulher professora educaria os alunos. Desde o começo da organização da rede pública de ensino no Brasil, nas primeiras décadas do século XX as mulheres entraram na docência mudando a dinâmica do mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho.

A partir de então cabia dois papéis a mulher, ser mãe e professora, sendo que os dois papéis tinham a intenção de ensinar a humanidade e formar cidadãos. Porém, ser professora



era uma função pública que a afastava do lar e de suas ocupações privadas, como cuidar dos filhos e marido, porque a mulher não teria mais tanto tempo. Também a igreja colocava um ideal de família, onde a mulher não trabalhava fora de casa. Este ideal se viu ameaçado pela emancipação feminina.

Com a forte urbanização na região sudeste no começo do século XX, expande a cidade para áreas mais afastadas, aumentando a distribuição de escolas em diversos lugares, assim a mulher teria que se deslocar de um lugar para outro de manhã com vários tipos de transporte, colocando em questão o comportamento de moças que se aproximam do comportamento dos homens. Na apropriação do espaço urbano estas mulheres poderiam sofrer assédios dos homens, e ainda ao chegarem à escola poderiam se deparar com a hierarquia de homens nos cargos administrativos.

Assim, ao mesmo tempo que a mulher conseguiu se apropriar do espaço urbano se inserindo na sociedade na busca de autonomia e rompendo a subordinação ao lar ao tornar-se professora, observa-se que o cargo de professora esteve socialmente relacionado a uma figura materna, característica marcante do machismo mascarado da época.

Dentre as mulheres de destaque que se formaram no curso que analisamos, selecionamos Maria Conceição Vicente de Carvalho, formada no ano de 1938 e Amélia Americano Franco de Castro, em 1940.

Maria Conceição Vicente de Carvalho nasceu em Santos, no Estado de São Paulo, em 1906 e faleceu em 2002. Atuou a partir dos anos de 1930, período com relações de mudanças nas políticas educacionais na produção do conhecimento no campo da história do ensino de Geografia e que contribui na compreensão de alguns problemas relacionados ao processo de uma política de implementação de uma “cultura pedagógica” considerada “moderna”, com transformações nas práticas pedagógicas que aspiravam a “Projetos de educação”. Em 1935 publicou junto com Pierre Monbeig e Aroldo de Azevedo o texto “O ensino secundário da Geografia”, da revista editada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), transcrito na seção “Crítica e notas”. (MONBEIG; AZEVEDO; CARVALHO, 1935).

Amélia Americano Franco de Castro nasceu no dia 27 de dezembro de 1920, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente mora em São Paulo. Em 1984, tomou posse na Academia



Paulista de Educação. Formada em Geografia e História pela FFCL da USP, em 1941. Foi assistente Substituta da Cadeira de Didática Geral e Especial da FFCL da USP. Possui o título de Doutor em Educação pela FFCL da USP, sua tese é “Princípios do Método no Ensino da História”. Obteve a livre-docência na FFCL da USP, em 1963, com a tese “Bases para uma Didática do Estudo”. Entre 1994 a 2000, foi conselheira do Conselho Municipal de Educação. A professora Amélia deu uma importante contribuição para a Educação, já que desenvolveu inúmeros estudos sobre didática que podem auxiliar o Ensino de Geografia.

Dentre os homens destacamos Aroldo Edgard de Azevedo e Aziz Nacib Ab’Sáber.

Aroldo Edgard de Azevedo nasceu em 1910, em Lorena no Estado de São Paulo, e faleceu na cidade de São Paulo em 1974. Formou-se em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e licenciado em Geografia e História na FFCL da USP no ano de 1939. Azevedo foi importante geógrafo que contribuiu para o ensino de Geografia com a produção de aproximadamente trinta livros didáticos de Geografia, sistematizou o mapa do relevo do Brasil, muito conhecido no Ensino de Geografia.

Aziz Ab’Saber nasceu em 1924, em São Luiz do Paratinga, no Estado de São Paulo, e faleceu em 2012, em Cotia. Este geógrafo fez estudos sistemáticos do relevo brasileiro que abrangia o conhecimento geomorfológico em sua origem e evolução, com as interações com o ambiente relacionou os estudos de domínios morfoclimáticos. Seu estudo detalhado do relevo brasileiro possibilitou um rico acervo didático utilizado no ensino de Geografia nos níveis de educação Básica e Superior.

Considerações finais

Como resultados parciais de pesquisa temos a lista completa dos nomes dos formandos nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, que não poderá ser inclusa neste texto, mas que está disponível no relatório final de pesquisa e ficará disponível para consulta na instituição sede da pesquisa.

Verificamos que no período de 1930 a 1960 formaram-se 384 professores, sendo 134 homens e 251 mulheres. Também a licenciatura formou mais alunos que o bacharelado.

É importante enfatizar que esta investigação do primeiro curso de Geografia e História e dos primeiros formandos da FFCL da USP auxilia na compreensão de alguns problemas e



avanços relacionados ao processo de formação de professores, já que pode elucidar transformações na prática pedagógica que antecederam e sucederam o período em análise e a relação existente ou não entre a ciência geográfica e o ensino de Geografia.

Referências

AZEVEDO, Aroldo de; SILVEIRA, João Dias da. O ensino da geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, 1949.

MONBEIG, Pierre; AZEVEDO, Aroldo de; CARVALHO, Maria Conceição V. de. O ensino secundário da Geografia. **Geografia**, São Paulo, ano 1, n.4, p 77-83, 1935.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **Uma breve história da formação do (a) professor (a) de**

Geografia no Brasil. *Terra Livre*, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Brasil 500 anos:** tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3.ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2010.